

Germinal



N.º 1—ANO I
1 de Janeiro de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia.»

ELISEU RECLUS.

Publica-se nos dias 1, 10 e 20 de cada mês

PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL. — DIRECTOR, EMILIO COSTA. — EDITOR, MARIO COSTA.

Condição exigida pela lei d'imprensa em vigor.

Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: serie de 12 numeros, 12 cts. (120 rs.)

Comp. e imp. nas OFFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca, 51, 3.º — LISBOA

Aos seus colegas da imprensa operária ou afecta ao operariado — socialista, anarquista, sindicalista e independente; aos que lutam pela emancipação humana, em qualquer das suas tres formas — economico-social, intelectual e moral; a todos os desherdados, o GERMINAL envia as suas saudações fraternais.

Leitor:

Aparece este jornal em circunstancias de excepcional gravidade, tanto da vida internacional como da vida portuguesa.

As relações politicas e economicas entre os povos e entre os individuos, estão soffrendo um choque tremendo, cujas consequencias ninguem neste momento, pode prever.

Não está no poder dum homem, duma classe ou duma nação, determinar agora a orientação da vida coletiva, marcar-lhe o seu destino immediato, tão numerosas são as causas determinantes desta grande crise e tantos acontecimentos imprevisos comporta a complexidade da vida social moderna.

Mas se assim é, não quer isso dizer que abduquemos da nossa razão, não lhe subordinando, tanto quanto possível, a intervenção directa ou indirecta que cada individuo pode ter na vida da sociedade a que pertence, porque, se não sabemos qual é a resultante final, sabemos contudo que ella é uma combinação em que entram, como componentes em proporções variadissimas e desconhecidas, os esforços de cada um.

Ha um bom numero d'annos que servimos este ideal — a constituição duma sociedade livre — e defendemos a

sua doutrina — a do comunismo anarquista — com toda a sinceridade, empregando uma orientação e uma tática que á nossa razão mais convenientes se mostravam para os fins a atingir.

Ha tempos que acontecimentos sociaes de toda a ordem nos vinham abalando quanto á eficacia da tática até agora empregada. A guerra europeia veio acabar de nos convencer de que alguns, senão muitos erros se tem praticado, que importa corrigir para bem do ideal e da doutrina que defendemos. A vida, para nós, é uma serie de experiencias e uma serie de lutas, que constituem lições a aproveitar, conservando-se o que é bom e regeitando-se o que é mau, na convicção de que nada é eterno e constante, desde o principio scientifico mais fortemente estabelecido até á tática mais comensinha duma lucta de ocasião.

E' provavel que o que vamos dizer nos numeros successivos de *Germinal*, desagrada a alguns camaradas, que julgarão nocivo ou inutil o nosso trabalho. Não os consideraremos por isso maus companheiros, procurando sempre, mantendo as nosas opiniões, contribuir para que exista constante a harmonia entre todos, respeitando-se reciprocamente, pondo sempre em pratica o mais elementar preceito do homem civilizado: a tolerancia. Evitaremos porisso, o mais que podermos, as polemicas, pois a experiencia diz-nos que raramente ellas produzem resultado util, sendo causa, quasi sempre, de disputas e divisões que só aproveitam ao adversario comum. Mais do que nunca é preciso pôr em pratica o preceito fundamental da nossa doutrina: a maxima autonomia aliada á maxima solidariedade: esforçar-nos-hemos por não nos desviarmos d'elle, na propaganda que vamos encetar.

Os anarquistas e a guerra europeia

Desde que estalou a guerra, que entre os anarquistas e sindicalistas revolucionarios se estabeleceu uma confusão, que não tem feito senão aumentar nos cinco mezes que vão decorridos. Chegaram as coisas a ponto de a confusão ter originado a discussão acrimoniosa, a divisão, que cada vez mais se acentua, entre os que hontem ainda se consideravam bons camaradas, originando, como não podia deixar de ser, o pessimismo, o scepticismo, a antipatia, a indiferença, a desorientação, segundo os temperamentos e as educações, resultando talvez de tudo isto, a prolongarem-se os seus efeitos, uma paragem ou um grande recuo na marcha das ideias que uns e outros defendem.

São sem numero os artigos de jornaes e as discussões entre camaradas, sobre a attitude dos anarquistas em face da guerra, não parecendo, pelo que até agora se tem visto, que se caminha para um entendimento ou sequer para se desfazerem os mal-entendidos que existem. A acrimonia aumenta e ella é má conselheira; dizem-se coisas que a sangue frio se não diriam, e uma vez ditas, como os anarquistas não são isentos do orgulho que manda sustentar o que se diz, não se volta atraz, a desfazer o exagero e a má impressão naturalmente produzida por elle; e assim se agrava a divisão estabelecida pela diferença de opiniões, passando para a incompatibilidade entre as pessoas.

E' claro que cada camarada, que ler estas linhas, diz logo que não é elle que procede assim, que são os outros e principalmente os que não pensam como ele. Mas isto não tem importancia para a questão e prova apenas que os anarquistas estão, em geral, num estado

mental semelhante ao dos outros individuos, apaixonando-se facilmente, personalizando demasiadamente as questões e manifestando uma lamentavel tendencia para a intolerancia.

N'estas condições, no estado a que as coisas chegaram, não me parece facil que cada um se preste a arripiar caminho para se tentar chegar a um acordo. E é por isso que, depois de convencido desta dificuldade e da inutilidade dos esforços que se empregassem em pretender vencê-la, conclui que só o tempo e os acontecimentos actuarão de forma a fazer baixar a fervura levantada. D'aqui a alguns anos, quando se olharem os acontecimentos de agora com mais calma e com os ensinamentos recebidos, como hão de parecer as questiunculas actuaes, coisas pueris, inuteis; e como ha de parecer infantil cada um dos que agora mais encarniçado se mostra a demonstrar que o que não pensa como ele, não é um perfeito anarquista, não merece por isso, o nome de bom camarada, só causa prejuizos á ideia, sendo elle que a defende, que a mantem pura e intangivel, para salvação do mundo!

Não valendo a pena remar contra a corrente, contribua cada um — uns polemicando, outros, como eu, fugindo á polemica inutil ou deleteria — com as ideias que tem acerca da questão, no sentido de a aclarar.

Depois, daqui a muito tempo, ver-se-á — os que virem! — que erros e que acertos continha o que cada um dizia, pois creio bem que nenhum de nós contem a verdade toda, nem erra por completo em tudo que diz. Pensando assim, assim procederei, na convicção de que, se outro serviço não presto á ideia, lhe presto o de, com esta maneira de proceder, não alimen-

tar as divisões e as discordias que só mal lhe tem feito e não-de fazer.

No que vai seguir-se, está o que penso acerca da questão contida no título desta pequena serie de artigos. Se depois os acontecimentos me fizeram mudar de opinião, singelamente direi como se operou a mudança.

Produziu, num grande numero de camaradas, desagradavel impressão, a attitude dos revolucionarios francezes, principalmente, em face da guerra e peor impressão o facto de haver anarquistas que defendiam essa attitude: a de pegar em armas contra os alemães-invasores. Disto resultou uma critica que, segundo os temperamentos e as educações, foi mais ou menos aspera, indo da simples desaprovacão até á injuria, pois que de tudo tem havido.

Que não se concorde no todo ou em parte com os actos de uns e as palavras de outros que defendam esses actos; que se procure justificar a não concordancia e mostrar os inconvenientes resultantes d'aquella attitude, está bem. Mas que pelo facto de haver quem proceda e fale de maneira diversa da nossa, se acusem os outros de ex-anarquistas, indo até á feia palavra traidor e se diga que nós é que somos os verdadeiros e coherentes anarquistas, os unicos defensores da ideia, é que está muito mal e por duas razões: por ser uma injustiça e por ser um erro.

E' triste que se vá até estes extremos e que pessoas que se dizem e se tem mostrado anarquistas, se esqueçam de o ser, para, com uma facilidade espantosa, sem tempo suficiente para bem analisarem a questão, sem dados suficientes para bem a conhecer e sobretudo, sem resultados para complemento da análise e formação de uma opinião consciente, afastarem sem rodeios, para fora da camaradagem, umas vezes com indignação de apostolo e iluminado, outras com a ironia escarnecedora de espiritos superiores, individuos que antes mereciam a estima e o respeito que merecem todos que consagram os seus esforços, o tempo, o dinheiro e a intelligencia de que impõem, ao serviço duma causa e de que aproveitavam largamente muitos, senão todos que agora os repudiam ou os censuram.

São estes que assim se comportam, á semelhança dos intolerantes dogmaticos das religiões reveladas — quem não pensa como eu é réprobo — que afirmam serem os unicos anarquistas, como que os depositarios dos livros e das formulas sagradas, fora das quaes não ha salvação!

Chegou-se a isto, por uma precipitação de julgamento, nuns, por mentalidade religiosa

noutros, produzindo uma e outra causa, a confusão, o exagero de apreciação que se foi agravando, por, como já disse, não se querer corrigir o que se diz, não vá pensar-se que mudamos de opinião como uma ventoinha! Procurarei mostrar este fenomeno produzido entre os anarquistas que assim criticam a attitude dos camaradas, no proximo artigo, onde ao mesmo tempo direi o que penso dessa tão verberada attitude.

Agora quiz apenas, no uso dum direito que ninguem razoavelmente me pode contestar, afirmar a minha magoa por ver tanto arrebatamento, tanto espirito absoluto e tanta intolerancia revelada por aqueles que — por serem anarquistas — mais refletidos, menos absolutistas e mais tolerantes se deviam mostrar. E não se diga que exagero ou falto á verdade, pois, como disse, de tudo tem havido.

Chegou-se á excomunhão, como na *Tierra y Libertad*; e tive a magua de vêr um mestre a todos os respeitos estimavel, uma grande intelligencia e um grande character, com uma enorme folha de serviços prestados á causa da revolução social, tive a magua de ver Malatesta perturbar-se a ponto de empregar a palavra *traidores*, referindo-se aos que não pensam e não procedem como elle. No ultimo numero da *Aurora* li o que elle escreve na *Freedom* sobre a attitude de Kropotkine e no artigo seguinte me occuparei da opinião de Malatesta. Mas se nesta carta elle se mostra razoavel, porque não fez o mesmo n'uma carta por elle dirigida a um amigo e cujo extrato seguinte vem publicado na *Tierra y Libertad* de 16 de dezembro?

«... Cuando vea usted a Bonafoux digale que siento que él, que no se dice anarquista, tenga que dar lecciones, bien merecidas, a los que de anarquismo tendrían de ser los maestros. Lo siento naturalmente, no por él, que en sus artículos juzga con criterio sano la situación actual, sino por otros que desmintiendo ideas y sentimientos anárquicos, olvidando los intereses de los trabajadores y haciendo traición á la causa de La Internacional, se ponen al servicio de los opresores, sean ellos franceses, o alemanes, o rusos, o ingleses, o chinos.»

Porque o jornalista burguez L. Bonafoux, elogiou a attitude de Malatesta, apontando-o aos anarquistas como um modelo a seguir, Malatesta deixa-se arrastar pelo seu espirito combativo e critica — dirigindo-se a um burguez, que amanhã é capaz de pedir a forca para elle — os seus camaradas e amigos, de tal forma, que fala em tração, palavra que em sentido nenhum deveria empregar agora, sobretudo falando para um natural adversario.

Mas a paixão é cega e quando ella chega, os melhores deixam de ver e desequilibram-se.

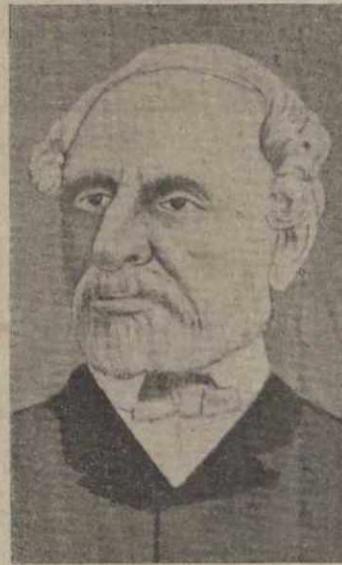
(Continúa)

Emilio Costa.

FIGURAS DA SOCIAL

AUGUSTO BLANQUI

(1805-1881)



Luiz Augusto Blanqui nasceu a 1 de Fevereiro de 1805, perto de Nice, nos Alpes Maritimos, e morreu a 1 de Janeiro de 1881, em Paris, onde na sua mocidade cursára Direito e Medicina. Era filho do convencional João Domingos Adolfo Blanqui.

Desde 1827, em que por ocasião de umas eleições foi gravemente ferido, até que a vida se lhe extinguiu, andou numa rebeldia permanente. Sincero, inflexivel nas suas convicções, gastou as suas forcas fisicas e a sua intelligencia, que era verdadeiramente superior e servida por profundos estudos, em

conspirações sempre abortadas, mas devidamente premiadas pelos regimenes contra os quais se rebelava. Saía dos combates da rua para os carcerezes do Estado e dos carcerezes do Estado para os combates da rua, agora condenado á morte pela Monarquia, depois condenado a prisão pelo Imperio, e mais tarde condenado a deportação pelas Republicas de 48 e 70.

Foi um dos primeiros que depois de 1830, após a ruidosa victoria da burguesia sobre o antigo regimen, ousavam matar a tradição de Babeuf e Buonarrotti. Deu origem ao partido que tomou o seu nome e a sua direcção; mas, pela forma violentamente negativista do seu combate ou por haver profetizado, na anarquia «o futuro da humanidade» e proferido a maxima «Ni Dieu, ni maitre», chegou a passar por anarquista. Esta synthese da sua doutrina: — «insurreição permanente para alargamento sucessivo das conquistas realizadas; ditadura revolucionaria de character socialista; comunismo politico e comunismo economico».

Exercia sobre os seus correligionarios — diz-se — uma especie de autoridade religiosa, que veio a crescer com os anos e que era devida á forca do seu pensamento, á indomavel energia da sua vontade e á austeridade da sua vida. Em todo o caso dava de conselho aos novos, que não escutassem nunca os velhos, nem mesmo elle, «se lhes dissesse coisas contrárias ás suas aspirações». E dizia e repetia que a grande obra a realizar era libertar a mentalidade humana de todos os despotismos e parasitismos de ideias, de preconceitos, de habitos, de manias hereditarias.»

O comunismo, futuro da sociedade

O estudo atento da geologia e da historia revela que a humanidade começou pelo isolamento, pelo individualismo absoluto, e que através de uma longa serie de aperfeiçoamentos deve atingir a comunidade.

A prova desta verdade farsehá pelo metodo experimental, unico valioso hoje, porque foi elle que fundou a sciencia.

A observação dos factos e as suas deducções irrefutaveis estabelecem pouco a pouco esta marcha constante do genero humano. Vê-se nitidamente que todo o progresso é uma conquista e todo o recuo uma derrota do comunismo; que o seu desenvolvimento se confunde com o da civilização; que as duas ideias são identicas; que todos os problemas sucessivamente postos na historia pelas necessidades da nossa especie, tem tido uma solução comunista; que ás questões hoje pendentes, tão arduas, tão cheias de perturbação e de guerra, não se pode dar outra solução, sob pena de se agravar o mal e se cair no absurdo.

Todos os aperfeiçoamentos do imposto, — a *régie* substituindo a concessão, os correios, o sal e o tabaco, são innovações comunistas. Tem a mesma marca as companhias industriais, as sociedades comerciais e os seguros mutuos de qualquer natureza. O exercito, os collegios, as cadeias e os quar-

teis são comunismo em estado vago, grosseiro, brutal, mas inevitavel. Fóra desta via nada se faz. O imposto e o proprio governo são comunismo, da peor especie, é bem certo, mas no entanto de uma necessidade absoluta. A ideia disse apenas a sua primeira palavra. Antes de chegar á ultima, tudo haverá mudado de face. Nós ainda não somos mais que barbaros...

...Sob os nossos olhos desenrolam-se os preliminares da comunidade. Que é a assistencia mutua, cujo principio recebe a todo o instante uma applicação nova e trabalha por solidarizar a pouco e pouco todos os interesses? Uma das faces da transformação que se aproxima. É a associação, essa favorita do dia, panacea universal cujos louvores se cantam em coro, sem uma só nota discordante, que é igualmente senão a grande avenida e ultima palavra do comunismo?

Em todo o caso, nada de illusões. Esta ultima palavra não será proferida, enquanto a grande maioria estiver mergulhada na ignorancia. Primeiro que a comunidade, privada do seu elemento indispensavel, as luzes, desceria a lua ao nosso globo. Ser-noshia tão facil a nós respirar sem ar, como a ela existir sem a instrução, sua atmosfera e seu vehiculo.

(Critique Sociale)

Augusto Blanqui.